

**Padre no cativoiro dos BA's**

# Mesmo doente foi obrigado a marchar com 25 quilos à cabeça

N. 21/1/88

◆ **Missionário diz que à noite ouvia os carros da África do Sul**

O padre católico Fernando Simões de Carvalho e Silva, de nacionalidade portuguesa, disse-nos que os bandidos armados, que o raptaram no passado dia 4 de Janeiro, obrigaram-no a fazer marchas forçadas, com cerca de 25 quilos de carga roubada à cabeça e mesmo debilitado fisicamente, devido a ferimentos e lesões contraídas na altura.

Falando à nossa Reportagem, o padre Simões disse-nos que passou cerca de 10 dias no cativoiro dos bandidos armados, numa base que os agentes do regime sul-africano chamam de provincial e que fica situada muito próximo da fronteira com a África do Sul.

— A noite ouve-se o ruído dos carros na África do Sul — afirmou-nos o padre Simões, de 38 anos, dos quais 16 vividos em Moçambique, nomeadamente sendo professor. Ele havia fixado residência na Moamba, onde exercia à data do rapto as funções de responsável pelos actos religiosos de Moamba, Ressano Garcia e Sábìe.

Contou-nos que viajava no seu carro pela estrada que liga o posto fronteiriço de Ressano Garcia a Maputo, quando foi surpreendido por uma emboscada dos bandidos armados.

O rapto foi precedido de disparos de armas ligeiras a partir de ambos os lados da estrada. Como tivesse ficado apenas ligeiramente ferido, o padre Simões imobilizou a viatura e abandonou-a.

Instantes depois, ele viu aparecer à estrada um grupo de bandidos armados que, de imediato, começaram a saquear os bens que estavam no carro, nomeadamente farinha de milho que um outro cidadão português, residente em Komatipoort, lhe havia entregue para oferecer às pessoas necessitadas da Moamba.

## CARGA A CABEÇA

O padre Simões, com alguns ferimentos provocados por estilhaços de vidro de uma das janelas do seu carro, foi obrigado então a iniciar uma



Padre Fernando Simões de Carvalho e Silva

marcha forçada com 25 quilos de carga roubada à cabeça.

Disse-nos que esta marcha durou

cerca de 30 horas, sem descanso suficiente, o que lhe provocou sérias complicações, nomeadamente problemas num dos joelhos e uma inflamação no pé direito.

Mesmo nestas condições, o padre Simões foi obrigado a caminhar, até que chegaram à dita base provincial, situada na zona montanhosa fronteira com a África do Sul.

Exausto e extenuado, esteve durante três dias seguidos de cama, até que conseguiu a sua recuperação. Ao todo esteve 10 dias no cativoiro até que um dia, o chefe dos bandidos armados lhe comunicou que havia recebido ordens para o libertar, porque disse não ser sua «política raptar missionários».

## CHACINA DE GADO

O padre Simões afirmou-nos que, embora tenha estado apenas 10 dias no cativoiro, pôde verificar que a chacina de gado bovino roubado é um facto.

Em dias alternados, os bandidos armados matam entre 11 a 13 cabeças, sendo a carne distribuída entre eles.

Num dos dias de abate, o nosso entrevistado disse ter visto mulheres a carregar a carne para vários locais da dita base provincial.

Por outro lado, o padre Simões teve oportunidade de contactar directamente com dois outros cidadãos portugueses que são prisioneiros dos bandidos armados.

Trata-se dos Irmãos João Gonçalves, de 27 anos, e Agostinho Gonçalves, de 24 anos. Ambos foram raptados em 1 de Outubro de 1985 na zona de Salamanga, distrito de Matutuine. Eles viviam com o seu pai, o qual se dedica à agricultura.

O padre Simões disse-nos que foram os dois jovens que lhe prepararam a alimentação durante os três dias que esteve de cama, logo a seguir ao rapto. Além disso, os irmãos Gonçalves lavaram-lhe a batina e outra roupa que ele usava.

De acordo com o padre Simões, o jovem Agostinho apresentava algumas complicações com a saúde: tinha o baço inchado e uma nãdega inflamada em consequência de uma injeção que lhe foi aplicada por um bandido armado.

## DE NOVO A MARCHA

Depois de ter recebido ordem de libertação, ele foi de novo obrigado a fazer uma nova marcha a partir da dita base provincial até ao local onde havia sido raptado. Esta marcha começou no dia 13 de Janeiro e só viria a terminar no dia seguinte.

Após ter alcançado o local do rapto, o padre Simões dirigiu-se a uma unidade das Forças Armadas, de onde foi encaminhado para Maputo. Na capital, mereceu vários dias de descanso.

Numa das partes da sua entrevista, o padre Simões agradeceu a todas as pessoas que se preocuparam com a sua situação, enquanto esteve prisioneiro dos bandidos armados, em particular as pessoas que realizaram muitas orações por si.